Afro-descendência – Identidade Religiosa

(1ª PARTE)

Se partirmos das evidências histórico-paleontológicas de que a humanidade começou no continente africano e que as práticas religiosas também surgiram lá, podemos afirmar que toda a identidade religiosa, em qualquer parte do mundo, tem suas raízes na África. Logo, essa identidade é, em certa medida, uma religiosidade afro-descendente.

Uma origem em comum

Resumidamente, a lógica é a seguinte: a religiosidade teve início na África e de lá foi disseminada para outras partes da Terra. Nesses lugares, as comunidades assentadas criaram suas culturas e também suas identidades religiosas. Mas, devido às influências geográficas e ao paulatino distanciamento histórico, essas identidades foram se particularizando em relação às práticas ancestrais africanas.

O Brasil e a África, por exemplo, se identificam culturalmente em vários aspectos, graças ao seu passado histórico duplamente comum: a colonização por países europeus predominantemente cristãos e a própria ancestralidade africana. Apesar disso, é preciso ter muita cautela ao tratar da afro-descendência no Brasil e das similaridades a ela inerentes.

No que diz respeito à religiosidade, os ritos sacros que os negros fazem no Brasil só têm alguma ascendência africana, não necessariamente a ancestralidade autenticamente africana. Eles misturam ritos de matriz tradicional africana com os ritos cristãos e de outras religiões praticadas no Brasil. Para complicar, não existe de fato uma identidade religiosa africana única.

As religiosidades africanas sofreram influências

Apesar de terem conseguido preservar boa parte de suas tradições culturais e religiosas durante os séculos de dominação colonialista, os africanos não ficaram totalmente imunes à globalização cultural e religiosa que se desenhava havia séculos. O intenso contato social com os colonizadores europeus, a partir do século XV, afetou as tradições culturais e religiosas nativas africanas. Da mesma forma, a convivência voluntária ou forçada com povos islâmicos, a partir do sétimo século, já tinha influenciado a própria natureza das identidades religiosas na África. Então, muitos escravos trazidos para o Brasil não praticavam necessariamente as religiões tradicionais nativas, mas uma forma contaminada dessa religiosidade, com elementos do cristianismo e/ou do islamismo.

No Brasil, com o passar do tempo e com a perda gradativa das referências ancestrais africanas, os negros se viram forçados a aprofundar o sincretismo, uma forma de mestiçagem religiosa muito comum em terras de colonização escravocrata neolatina e de missão, como foi o Brasil.

O Sincretismo religioso

Os descendentes de africanos, sobretudo as gerações nascidas no Brasil, habilmente construíram estratégias, criando aparentes sincretismos religiosos entre os deuses africanos e os santos católicos. Nesse sentido, produziram um fator de ajustamento do indivíduo à sociedade. O candomblé baiano, por exemplo, conservou muito do panteão mítico africano. Porém, a forma como existe no país não existe na África. Foi uma religião concebida no novo país. Este é o caráter de vitalidade das religiões, que é viva e passou por um longo processo de aculturação e transformação que, em alguns casos, se converte em ideologia, mas nem sempre (FÁVERO, 2007).

Existe outro aspecto a considerar: a forma de aculturação dos negros no continente americano. Comparativamente aos negros nas ex-colônias anglo-saxônicas da América do Norte, que perderam quase por completo as referências culturais e religiosas da ancestralidade africana, os negros na América Latina e Caribe, apesar do sincretismo, preservaram algumas referências religiosas africanas.

A religiosidade afro-brasileira

Candomblé e Umbanda, as duas *"religiões africanas"* de alcance nacional, são distintas na origem, mas entrelaçadas no conceito e na invocação à ancestralidade africana. O candomblé, que foi criado por escravos trazidos da região do Golfo da Guiné, principalmente dos atuais Benin e Nigéria, incorporou muitos ritos do cristianismo e do espiritismo. Por volta de 1920, época de efervescência modernista no Brasil, nascia a umbanda, como *"dissidência de um kardecismo que rejeitava a presença de guias negros e caboclos, considerados [...] como espíritos inferiores"* (PRANDI, 2006, apud BRÜGGER, 2008).

Os terreiros foram organizados como uma mescla de práticas religiosas tradicionais africanas, do cristianismo, espiritismo e de cabalas orientais. Iemanjá, por exemplo, surge como uma das figuras emblemáticas desse sincretismo. Entre os praticantes de religiões ditas africanas, Iemanjá é a rainha das águas, mas nada impede que também seja a mãe de Jesus Cristo venerada como Nossa Senhora dos Navegantes; que seja reverenciada ou tolerada por brasileiros praticantes de outras religiões, mesmo entre os evangélicos abertos à diversidade religiosa.

Um dos pontos de convergência religiosa acontece na noite do Reveillon: fiéis das mais variadas matrizes religiosas acorrem às praias com oferendas à deusa dos mares à procura de proteção, paz e sucesso no ano vindouro. O branco, cor simbólica da paz no mundo ocidental, colora os fiéis, transitando entre o mundo profano e o religioso.

Respeito e convivência

Na Bahia de Todos os Santos, estado sincrético por excelência, as escadarias da igreja do Bonfim são lavadas por mães e pais de santo, após uma celebração religiosa que reúne, pacificamente, diga-se de passagem, católicos e praticantes de religiões de matriz africana.

A própria Igreja Católica, trabalha, há anos, pela valorização da negritude em seus ritos e dentro da sua estrutura. Em 1988, a CNBB incentivou a criação da Pastoral Afro, respondendo à demanda de Agentes Pastorais Negros que já atuavam em algumas paróquias e comunidades eclesiais de base, como também incluiu *"celebrações afros"* nos seus calendários litúrgicos. Os agentes organizam grupos de estudo que abordam a questão dos negros brasileiros do ponto de vista litúrgico, antropológico, histórico, cultural e político.

O que existe no Brasil de hoje é, na verdade, uma religiosidade sincrética e mestiça. Ela pode ser percebida tanto nas práticas religiosas cristãs quanto nos terreiros das religiões de matriz africana.

Pedro Santos - Professor universitário
honura_makan@yahoo.com.br

CONSTRUINDO PONTES